

MARMITA: NOVAS TIPOLOGIAS PARA AUTOCONSTRUÇÃO

Ygor Santos Melo¹

Fernando Sérgio Okimoto (orientador)²

“Marmita” nasce das inquietações de um, à época, estudante de arquitetura & urbanismo e morador da periferia metropolitana de São Paulo. Existem profissionais que estudam e atuam na resolução de problemas cardiovasculares, endócrinos, renais. Há outros que são especializados em metalurgia, elétrica ou números. Existem aqueles que dedicam suas vidas a entender fenômenos sociais e espaciais. Parece-me que há uma tendência óbvia de atuação naquilo que lhe é especialidade.

Entretanto, existe um profissional com expertise em habitação (e não só nela), o arquiteto, que não atua efetivamente em mais de 80% da produção habitacional brasileira – onde, dentre outras práticas construtivas, destaca-se a autoconstrução. Confuso, não? Sim, é aquele mesmo do AutoCAD, Revit ou Archicad. Aquele que projetou o Guggenheim de Bilbao, o Museu de Arte de São Paulo ou o Aldar HQ. Porém, dificilmente é o profissional de Paraisópolis, de Itapevi, do sertão arapiraquense, de Marimbondo, do extremo leste de São Paulo ou das ocupações do ABC e do Pontal do Paranapanema.

Na universidade pública nos ensinam, teoricamente, como atuar na transformação de nossa cidade. Todavia, a estrutura de poder da academia não incentiva, por exemplo, a extensão universitária, dando espaço apenas a pesquisas que vão, por vezes, para alguma gaveta ou repositório online com menos visualizações que qualquer vídeo boçal da internet. Além disso, temos um vício deprimente em pensar uma arquitetura baseada em experiências e bibliografias do Hemisfério Norte, as quais quase sempre só surtem algum tipo de efeito na estrutura social de países que não estão na periferia do capitalismo.

Claro, boa parte do material de qualidade para se estudar arquitetura e urbanismo está, sim, nos países desenvolvidos. Mas será que nunca conseguiremos capacitar nossas sinapses para que elas desenvolvam uma dialética de atuação social tipicamente brasileira? Acredito que seja importante entender o sistema construtivo da *Fallingwater House*, porém não aprendemos profundamente, por conta da estrutura da Academia, técnicas e sistemas nacionais. O estudante

¹ Arquiteto & Urbanista graduado pela FCT/UNESP. Atualmente é projetista da Moradia Emergencial e membro da área de Pesquisa Inovação da ONG TETO.

² Professor doutor do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da FCT/UNESP.

de arquitetura, que quase sempre é de elite, entra e sai da universidade sem a mínima noção de como o pedreiro reboca paredes com tamanha exatidão.

Dessa forma, se procura investigar no trabalho, de maneira introdutória, muitas dessas inquietações arquitetônicas e urbanísticas. Primeiramente é importante compreender que há uma densidade gigantesca de periferias autoconstruídas, favelas e outros tipos de habitações subnormais, edificadas a partir de suor e sangue do sobretrabalho. Formas de habitar que são consequências do pagamento de baixos salários a todos os trabalhadores e o avanço da informalidade ao longo das décadas – afinal, o salário deveria equacionar os gastos com habitação, para ser minimamente justo. A urbanização dos baixos salários é causa direta da crise urbana atual.

E o que é mais importante ninguém fala: a periferia é condenada todo dia ao sofrimento. Não é só um traço histórico, lá qualquer perspectiva, em qualquer escala, é baixa. Não tem escola, não tem hospital. Crianças e mães morrem todo dia. O trabalhador ou trabalhadora, ao chegar em casa, precisa arrumar o madeirite que caiu com o vento, secar a casa que foi inundada com chuva, arrumar goteira, tapar buraco, matar barata. A criança tem vergonha de onde mora, não vai bem na escola. O frio é um drama. No calor é muito quente. 7 pessoas em 15 m².

Na periferia vive-se em risco e em exílio. Junto a isso, há uma dificuldade não apenas no acesso a equipamentos públicos ou valores materiais, mas inúmeros obstáculos no acesso à cultura. E aqui não estamos falando da imensa riqueza cultural presente nas rodas de samba, nas batalhas de rap, nas histórias do Nordeste e em todas as outras manifestações tipicamente nossas. Não acessar cultura significa que o morador(a) periférico não sabe inglês, não sabe espanhol. Não sabe achar o cateto oposto ou o delta da fórmula de Bhaskara. Não sabe o que é materialismo histórico dialético ou que Macunaíma é um baita personagem legal.

Nesse vácuo cultural também não há cultura construtiva. Se constrói da forma mais barata, mas que é, na verdade, cara. Se constrói com os materiais com maior disponibilidade e com as mesmas técnicas passadas de geração em geração entre o trabalhador e seu filho - destinado a ser trabalhador, assim como a dona-de-casa ensina sua filha a ser, também, dona-de-casa.

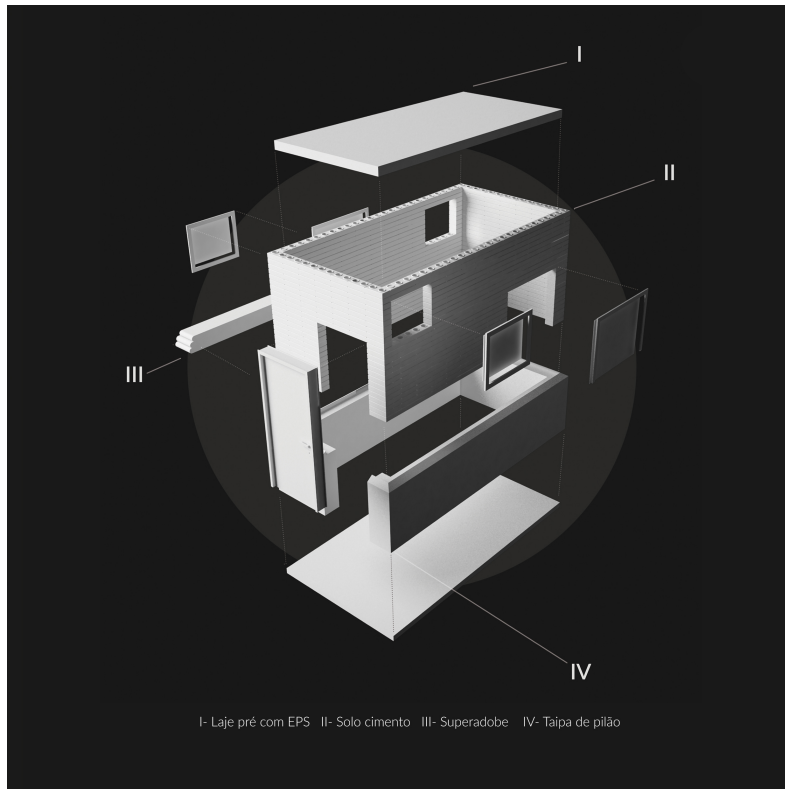
Ou seja, há milhões de pessoas sofrendo com moradias precárias e espaços urbanos degradados, condenadas diariamente a ter apenas esperança. Na Academia há milhares de pessoas que desejam mudar essa panorama, mas que não conseguem desenvolver mecanismos afirmativos, pois estão imersas em uma literatura e em uma estrutura que não se enquadram, totalmente, em nossa realidade. O arquiteto e urbanista precisa entender como é a dinâmica do

pedreiro, não apenas como extrudar paredes no SketchUp. Precisa saber que há muitas crianças que sonham em ser arquitetos para dar uma casa melhor a seus pais, porém dificilmente vão acessar esse conhecimento – devido ao espaço em que habitam.

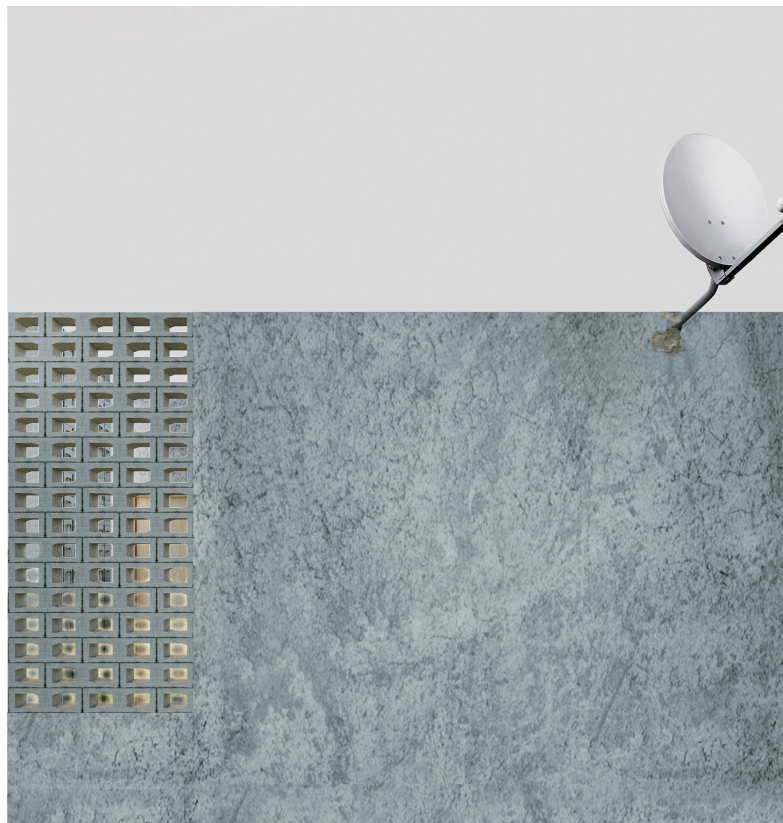
“Marmita”, que tem esse nome não por acaso, procura dar forma a esse conluio de problemáticas urbanas. Não buscamos projetar algo que fosse uma solução genérica ao problema da autoconstrução ou dos espaços periféricos, mas uma resposta crítica a tal condição. Como poderia ser a paisagem periférica brasileira e a habitação do trabalhador se, desde sempre, as universidades e os arquitetos tivessem olhado para periferia? Quantas pessoas não estariam, hoje, vivendo em uma casa com boa ventilação cruzada? Ou com efeito chaminé? E quantos arquitetos não saberiam como rebocar, como resolver algumas mazelas de nossa cidade. Quantos campos de atuação não teriam surgido? É possível fazer arquitetura com o que temos. Com os materiais e técnicas da periferia. A autoconstrução vai continuar a todo vapor, pois serve ao capitalismo. Se os arquitetos vão contribuir para um desenvolvimento urbano mais democrático e qualitativo, não sabemos. Mas que é possível, é.



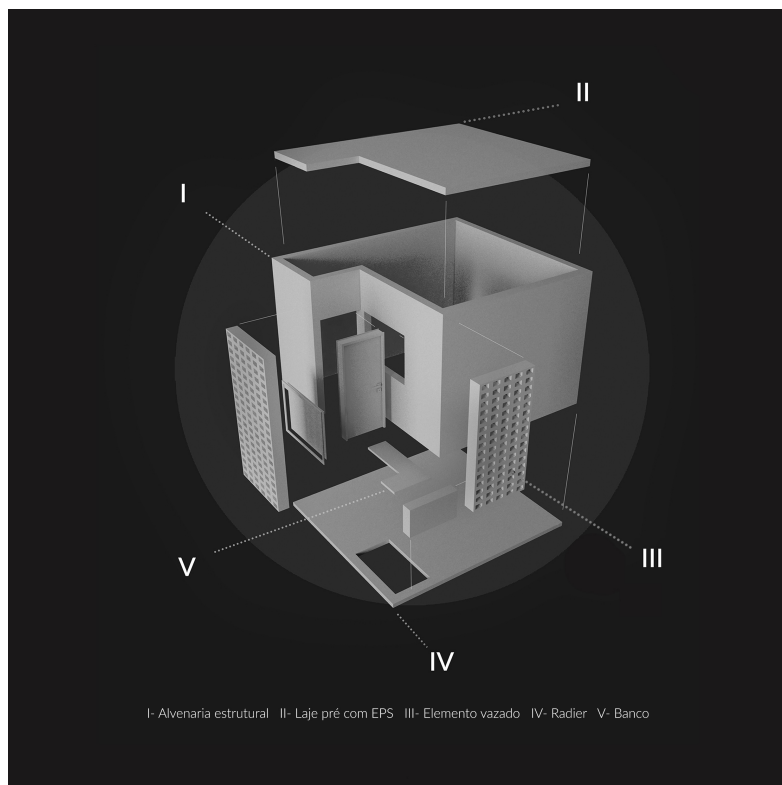
Fonte: MELO & OKIMOTO, 2018.



Fonte: MELO & OKIMOTO, 2018.



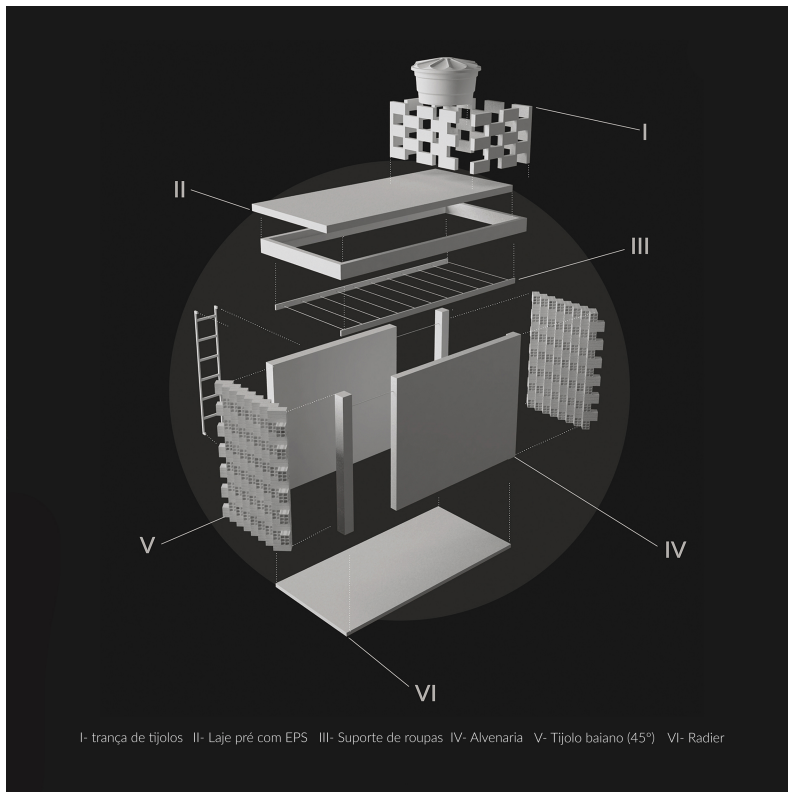
Fonte: MELO & OKIMOTO, 2018.



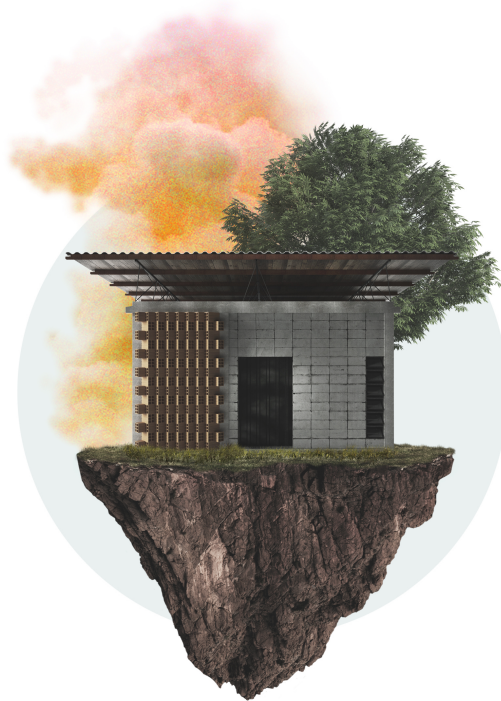
Fonte: MELO & OKIMOTO, 2018.



Fonte: MELO & OKIMOTO, 2018.



Fonte: MELO & OKIMOTO, 2018.



KLS.
TP01

Fonte: MELO & OKIMOTO, 2018.



Fonte: MELO & OKIMOTO, 2018.



Fonte: MELO & OKIMOTO, 2018.

